

A Fatídica Senda do Mal

Aurélio Magno



A
FATIDICA
SENDA DO MAL

Aurélio Magno

A FATÍDICA SENDA DO MAL

A Continuação de
O Terrível Pavor da Mansão Comodor



Rio de Janeiro
2017

A Fatídica Senda do Mal -

A Continuação de O Terrível Pavor da Mansão Comodor

Copyright © 2017, *Aurélio Magno*

Todos os direitos são reservados no Brasil.



O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

© **PoD Editora**

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 / sala 1100 – Pça Tiradentes

Centro - Rio de Janeiro - RJ - 20060-030

Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br

atendimento@podeditora.com.br

Capa & Diagramação:

Control C – Impressos sob Demanda

Impressão e Acabamento:

Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M176f

Magno, Aurélio

A Fatídica Senda do Mal/ Aurélio Magno - 1. ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2017.

214p. il. 23 cm

ISBN 978-85-8225-169-0

1. Ficção brasileira. I. Título.

17-46848

CDD: 869.3

CDU: 821.134.3(81)-3

20.12.17

20.12.17

Sumário

PREFÁCIO	7
Capítulo 1	9
Capítulo 2	15
Capítulo 3	19
Capítulo 4	25
Capítulo 5	31
Capítulo 6	39
Capítulo 7	43
Capítulo 8	49
Capítulo 9	53
Capítulo 10	57
Capítulo 11	61
Capítulo 12	67
Capítulo 13	71
Capítulo 14	75
Capítulo 15	79
Capítulo 16	85
Capítulo 17	91
Capítulo 18	99
Capítulo 19	107
Capítulo 20	115
Capítulo 21	119
Capítulo 22	127
Capítulo 23	135
Capítulo 24	147
Capítulo 25	157
Capítulo 26	165
Capítulo 27	173
Capítulo 28	177
Capítulo 29	181
Capítulo 30	187

PREFÁCIO

Atendendo aos pedidos de continuação do Terrível Pavor, enfim aquiesci gentilmente em realizar mais esta obra. Não seria de admitir que fossem poucos aqueles que manifestaram o desejo de conhecer uma sequência, afinal, era de se supor que um enredo de horror incomum, em que a sucessão de violência e assombros perdesse lugar para demonstrações de afeto e sentimentos dos personagens, poderia de fato resultar numa empatia expressiva por parte do público.

A sequência ganhava forma e chegava à metade, quando um distúrbio de computador fez com que fosse tudo perdido, levando à desistência que perdurou bastante tempo. Porém, retornando aos esforços, tornava-se proveitoso reforçar a saga no aspecto em que ficara mais fragilizada no primeiro texto, agora incluindo mais significado para tanto mal praticado, não se deixando toda maldade sem qualquer razão.

A segunda realização foi concebida de modo a manter as particularidades apresentadas na anterior, a trama em meados do século XX, sem uma série de recursos tecnológicos, como telefonia móvel, computadores e navegação na rede mundial e, especialmente, no que tange à caracterização das personagens, estas com personalidades cativantes, cheias de manifestações emocionais, plenas de afeto, de amizade e lealdade.

Um ano depois, a mansão, restaurada, posta à venda, novamente é visitada; desta vez, Jack, graças às suas faculdades mentais desenvolvidas, capta sinais extramateriais que inspirarão à compreensão e explicação de toda maldade demonstrada e aparentemente inerente ao lugar, enquanto certos personagens se destacam por desenvolver a predileção pelas ideias do paraíso ou da perfeição própria das criações artísticas; além disso, são forçados a enfrentar tormentosas situações de roubo e bandagem.

1

Uma ampla área externa de uma casa também bastante ampla. Para quem passa, geralmente em algum veículo pela via asfaltada que se posta à frente, não poderá ver muitos detalhes da propriedade, pois uma vegetação arbustiva e mesmo pertencente a altas e frondosas árvores fazem uma espécie de paredão e tapam quase toda visão.

Mas estava lá uma entrada, assinalada por um importante portão de metal forte, ornamentado com volutas e figuras estilizadas, permitindo acesso a uma área externa de jardins circundantes à casa propriamente dita, cheia de janelas e de fachadas primorosas.

A grama cortada, mantendo-se as flores. Estas muito numerosas, associadas às plantas diversas, mantendo áreas um tanto diferenciadas pelas cores de suas respectivas espécies. Um cão da raça golden retriever completava o quadro de indiscutível beleza.

O verdadeiro responsável por todo aquele cenário era Artur Comodor, um senhor que ainda não deixava de ser jovem, com poucos fios de cabelos brancos. Reconhecido pela organização e espírito prático para ajeitar e prever as coisas com bom gosto e dedicação.

Naquele momento, Artur estava na área externa da casa, entretido em recepcionar e conversar com Edgar, um empreiteiro de obras de engenharia e construção que havia terminado de realizar um serviço, este que era o de recuperar um casarão situado numa região de floresta densa.

Eles riam animadamente. Artur, na verdade, era naturalmente um tanto austero e sério, mas havia aprendido com o tempo a ser bem cordial e simpático, cumprimentara calorosamente Edgar com um aperto de mão.

Num momento, ambos puderam notar a repentina aproximação de um jovem. Era Jack, que se aproximava seguido pelo cão golden retriever. Jack evitava pisar na grama. Mal terminou de se aproximar e, para encarar os demais, foi obrigado a cobrir o rosto com a mão para que não tivesse mais a visão ofuscada pelo sol.

Edgar era um homem de meia idade, mas com um ar simpático. Tinha os cavanhaques bem branquinhos.

A Fatídica Senda do Mal

Ele observou com atenção a aproximação do rapaz que sabia que teria quinze ou dezesseis anos. Não era uma mera curiosidade. Ficara intrigado, pois sabia que um jovem havia ficado vários anos vivendo sozinho numa casa isolada na selva. Pelo que podia supor, aquele deveria ser aquele rapazinho.

No entanto, achou prudente não tocar no assunto, ao menos que outrem o fizesse.

Só que Jack, que era alvo daquele intrigado interesse de Edgar, de alguma forma percebeu nos seus olhos exatamente o que pensava, também se mantendo discreto. Edgar havia sido o empreiteiro contratado que levou os operários e obreiros que recuperaram aquela casa, esta que havia sido palco de lutas e precisava ter paredes e tantos outros itens consertados.

Mas, como Edgar não teria tal pensamento sobre o jovem? Fora ele o responsável por construir aquela casa no meio da floresta há quase duas décadas. Aceitava de pronto voltar lá para novos trabalhos. Como não ter nenhum interesse pela história de alguém que passou parte da sua infância e adolescência sozinho, sendo há pouco finalmente resgatado? Seus pais teriam sido mortos... Teria ele tido um desenvolvimento mental normal?

Quando Jack chegou, ouviu de Artur que a casa estava toda recuperada, que Edgar fora em pessoa e acabara de voltar da conferência final; até alguns novos móveis foram providenciados para o lugar daqueles que foram danificados. Jack abriu então um sorriso, estendendo a mão para o empreiteiro. Ao apertarem as mãos, olharam-se nos olhos, ambos adivinhando o pensamento um do outro.

– Agora nós vamos visitar o local – disse Artur, com ar satisfeito. – Tenho certeza que poderemos nos certificar pessoalmente do primor dos acertos dos trabalhos de Edgar e de sua equipe. Escute, Jack, já há também um possível comprador para aquela mansão. Deverá ir junto conosco. É um antigo conhecido e amigo de Edgar. Veja como toda a questão vai sendo logo encaminhada.

Jack estava ciente sobre a possibilidade da venda da propriedade. Ele mesmo foi um dos que sugeriram isso. Lá morreram seus pais e a irmã tragicamente. Anos depois, mais duas pessoas. Foram muitas as dificuldades enfrentadas por ele naquele lugar, onde teve que batalhar e até enfrentar diversas privações para sobreviver.

Mas não foi com contentamento que ouvira dizer que a mansão poderia ser vendida logo. Perdeu bastante do sorriso, pois de alguma forma gostava e se sentia ligado ao lugar.

As informações sobre a casa era tudo que Jack queria saber. Despediu-se educadamente e seguiu o caminho do interior daquela casa, sendo seguido pelo cão que não chegou a passar por aquela porta principal, no entanto sendo deixado com alguém que trabalhava no lugar.

Era um belo rapaz, magro, com cabelos castanhos claros. Não tinha hábitos tão comuns, afinal passara anos de sua vida numa casa distante, sendo um lar isolado de tudo e de todos. Na cozinha, em vez de merendar biscoitos ou pacote de salgadinhos, como é comum, preferiu apanhar um punhado de arroz que encheu numa das mãos e saiu comendo pelo corredor.

A sua intenção era a de se encontrar com uma jovem de sua idade chamada Valentina. Ela foi encontrada num momento em que estava entretida com uma conversa com Nelda, a esposa de Artur. Ambas tinham a sensação de satisfação ao limpar a prataria, mantida guardada na cômoda da sala de jantar, os cristais e objetos de vidro. Nada que surpreendesse Jack, que sabia que apesar dos tantos empregados, poderiam elas mesmas cuidar disso.

Desejava falar com Valentina a respeito da finalização das obras na mansão da floresta e que deveria visitá-la já amanhã, acrescentando que a casa poderia ser vendida. Chegou a contar tudo isso às duas, sendo que Valentina mostrou gostar da ideia de se livrarem daquela casa longínqua. Ela era muito bonita, tinha os cabelos escuros que caíam nos seus ombros e às suas costas, raramente com uso de quaisquer tranças ou adereços.

Ela e Jack eram noivos. Além do mais, por mais incrível que possa parecer, ambos eram órfãos e tutelados por Artur, na residência do qual foram morar há cerca de um ano. Mas ambos eram ricos, e Valentina também havia herdado uma magnífica propriedade residencial, deixada precisamente à espera de sua maioridade.

Só que esse era um casal que vivia de seu próprio jeito, sem muitas demonstrações de carinho, poucos abraços ou caminhadas de mãos dadas. Contudo, amavam-se profundamente, sendo felizes juntos. Ninguém acreditava em algo contrário, considerando ser uma união amorosa, indestrutível ou interminável.

Ela, descontraída, simpática e de ar divertido. Quando decepcionada com acontecimentos desagradáveis é que costumava ficar meio pensativa, meio nervosa e era justamente quando podia ter uns momentos de tristeza. Jack, por sua vez, costumava muitas vezes ser taciturno, sério e mesmo sombrio. Mas não importava, do jeito deles se davam bem.

A Fatídica Senda do Mal

O que Jack conseguiu foi deixar para outro dia a ideia que elas tinham de assistir a uns vídeos em que Nelda, uma ex-atriz, aparece atuando. Era preciso tratar de um jantar na residência de uma tia de Jack, Carmela Comodor, sendo que, no dia seguinte, deveriam ir àquela mansão na mata.

Se bem que Valentina não queria ir. Dizia que aquele lugar havia lhe trazido muitas lembranças de eventos trágicos. Bem sabia Jack o que significavam aquelas palavras dela, pois também vivenciara aflições naquele lugar isolado.

Jack ouvira o que Valentina manifestava. Ficou lívido, mas não protestou. Ele sabia quanto ela sofreu lá. Pois, inclusive, mortos estão no histórico daqueles eventos...

Nelda era bonita. Mas se podia perceber que teria sido ainda mais bonita quando mais jovem. Ela chegava a prestar atenção ao que diziam Jack e Valentina sobre aquela mansão, as obras de recuperação e a visita que deveria ocorrer no dia seguinte. Até mesmo a questão da venda da propriedade... Sabia em linhas gerais sobre tudo isso, mas não que quisesse se envolver muito, ouvindo e quase não dando palpites.

O mais importante é que havia consentido em aceitar o casal de órfãos em casa, conforme decisão tomada pelo seu marido, Artur, considerando-os agradáveis, deles gostando.

Longe de serem órfãos coitadinhos, na verdade eram abastados, cada um teria o direito de receber uma herança substancial. Só não podiam legalmente ficar sem um tutor.

Valentina, na verdade, era a única que bem conhecia ao menos razoavelmente Jack. Havia reparado nas suas impressões. Havia concordado com a venda da mansão da floresta. Mas sentia que suas expressões sutis no rosto, nos olhos, não lhes deixavam dúvidas de que Jack não estava tão certo se deixaria vender a propriedade; sabia que sentimentalmente ele continuava muito ligado àquele lugar.

– Será que poderemos mesmo vender uma casa se ainda somos tutelados e nem recebemos realmente nossas heranças para cuidarmos livremente? Só aos vinte e um anos! – Jack chegou a questionar.

Se bem que Valentina respondeu que se ficaram todos cientes da decisão da venda e mantiveram-se nas iniciativas dela negociar, sem que ninguém apresentasse objeções sérias, é porque provavelmente poderiam, sim, deste modo proceder, havendo brechas legais nesta direção. Ademais, lembrava que podiam contar com as ações do advogado Juliano Cable, que em outras ocasiões já de-

monstrara suas habilidades para conseguir atender aos desejos de seus jovens clientes.

Mas, para Valentina, era pavoroso pensar que continuaria ligada àquela propriedade na forma de coproprietária. Tivera experiências por demais desagradáveis naquela casa, capazes de feri-la gravemente do ponto de vista emocional, desejando muito se livrar dos vínculos com aquele lugar. De qualquer forma, já dizia que não queria ir lá novamente, para a expressão consternada de Jack.

Logo mais teria que ir ao almoço oferecido na residência da tia de Jack, Carmela Comodor. Com isso, Jack disse qualquer coisa, licenciando-se para ir a outra parte na casa e se aprontar. Ficaram Nelda e Valentina terminando de guardar a prataria antes de irem se preparar para também saírem.

Nelda pensava como poderia Valentina se conformar ou aceitar bem que Jack, seu noivo, fosse tão reservado emocionalmente, inclusive com ela. Geralmente as mulheres gostam da companhia constante de seus parceiros, muitas e longas conversas, atitudes carinhosas frequentes. Jack não era de nada disso. Mas Nelda tinha tino suficiente para não levantar o assunto com Valentina. Tinha boa visão das coisas e sabia que poderia inculcar inculcações na mente de Valentina a respeito. Não falaria nada sobre isso, sabia que na verdade se amavam. Não queria estragar nada disso, se bem que não significava que necessariamente conseguiria. Era uma mulher madura, perspicaz e de bons sentimentos. Só faria o que fosse necessário para ajudá-los a se manterem unidos.

2

Foi um momento agradável, muita descontração. Um almoço foi servido na área externa, ao lado da residência. Uma casa espaçosa, pintada com algumas cores diferentes, em destaque o amarelo e branco. Não tão grande, nem com jardins muito amplos como a verdadeira mansão onde residiam Artur e familiares.

A mesa posta para o almoço era ampla, bem estendida, a todos cabendo. Não se poupando caprichos, à mesa até uma decoração com flores e frutas. A prataria brilhante e a louça finamente estampada, num colorido suave, desenhos estilizados com temas florais.

Os visitantes, convidados, foram recebidos calorosamente por Carmela Comodor, tia de Jack, irmã de Artur. Foram também Nelda e Valentina.

Agora, ressalta-se que Valentina havia ficado muito contentada com a ida de um grupo que, devendo visitar Artur e família, e não havendo evento semelhante, fora sugerida e acertada, igualmente, sua visita. Tratava-se de Hebert Bressane e família, ou seja, além de Hebert, sua esposa Beatriz e os filhos Stefan, vinte e dois anos, e Miguel, de onze.

Valentina não podia ver o primo novinho, de cabelos escuros muito lisos, que logo avançava afetuosamente para abraçá-lo, beijá-lo nas bochechas.

Era a primeira vez que os Bressane visitavam Carmela. Mas, com exceção de Valentina, outra Bressane, sendo Hebert seu tio. Eles, na verdade, já se conheciam.

Enquanto que Jack era considerado desaparecido, deixado só naquela mansão da floresta, então já restaurada e que poderia ser vendida, Carmela era quem havia concentrado em suas mãos toda a sua herança. Depois, Carmela reconheceu o sobrinho e lhe devolveu tudo que verdadeiramente era seu. Foi justamente entre os Bressane que ela havia finalmente revisto o sobrinho.

Uma reviravolta ocorreu quando Jack e Valentina noivaram e, ambos órfãos, mas herdeiros ricos, passaram à tutela de Artur Comodor, fazendo-se a vontade de Jack. Hebert, no entanto, responsável e honesto que é, também não seria mau tutor. Contudo, no final das contas, não deixaria de se interessar pelas condições de sua sobrinha, de vez em quando a visitando, procurando ter contato pessoal com ela.

A Fatídica Senda do Mal

Difícil, porém, seria ajeitar a situação se fossem os tutelados viver na mesma residência dos Bressane. O comumente entusiasmado e extrovertido Stefan, meio oposto ao irmão mais jovem, até no tom claro dos seus cabelos castanhos, por questões de imprudência e impulsividade, além de desejo sensual, havia se aventurado em conseguir os amores de Valentina, tentativa frustrada e, o que foi pior, flagrada por Jack, motivo de desavenças até então não totalmente sanadas, longe disso. Por tal razão, os sujeitos peças-chaves dessa trama passaram a se suportarem discretamente, muito pouco se comunicando. Dependendo de Valentina, tudo isso já era fato passado, mas seu noivo era um tanto inflexível, não querendo deixar para lá o que houve, ainda que Stefan parecesse arrependido.

Por seu turno, o pequeno Miguel era o príncipe de virtude e candura, meigo e de bom coração; era naturalmente muito querido.

Sentaram-se à mesa. Todos igualmente acomodados, pois em geral fora possível arrumar os assentos e postos de refeição. Não eram tantos como na residência de Artur, mas havia empregados para fazer o serviço correto a partir das normas de se posicionar os pratos e talheres e servir as iguarias, bebidas e aperitivos, ao som de uma música suave num volume moderado.

Havia um entendimento animado entre Artur e Hebert, com muitos risos, se bem que quando Hebert dizia que gostaria de assumir a tutela da sobrinha, Artur simpaticamente dizia que ela estava bem em sua casa e que lá todos gostavam dela.

Um outro grupo que se destacava era feminino, este formado por Carmela, Beatriz e Nelda, sendo que era a ex-atriz que mais impressionava com seus conhecimentos e dicas sobre assuntos de moda, comportamento social e cuidados com o corpo.

Mas, realmente, quem roubava a cena geral era a filha de Carmela: a extrovertida, mas temperamental e irreverente Rebecca – só a sua natureza risonha a fazia ser perdoada nos círculos amigáveis.

Logo chamada de metida ou ainda de egocêntrica por Stefan, sem nenhuma contestação ela esbravejava e rebatia, no entanto, não perdendo o bom humor.

Tinha os mesmos cabelos castanhos claros e meio alourados que Jack possuía, com a mesma tonalidade, sedosidade e caimento. Era uma bela jovem de dezesseis anos, há pouco completados.

O epíteto de metida, de fato, não parecia ser tão desqualificado, pois Rebecca desdenhava e colocava defeito em tudo, fazendo Stefan praticamente se sentir um perfeito pé-de-chinelo.

Em peculiar, ela demonstrava uma simpatia e respeito consideráveis pelo seu primo Jack, abraçava-o e beijava-o, chegando a causar até algum espanto em Valentina.

Aliás, quando se falou na visita próxima àquela mansão da floresta e Rebecca afirmou que gostaria de ir com o grupo que lá fosse, a própria Valentina, antes tão reticente, começou a admitir a ideia de também ir. Afinal, não via com bons olhos aqueles dois primos juntos sem ela.

De fato, em alguns momentos, parecia que eram Jack e Rebecca que formavam um par amoroso, e qualquer outra pessoa desavisada jamais imaginaria nada sobre o noivado de Jack e Valentina.

A surpresa veio quando Carmela anunciou que conseguira encontrar um dos filmes em que Nelda havia atuado, não deixando passar a oportunidade de adquiri-lo e sugerir uma sessão de vídeo numa sala com espaço de exibição especialmente preparado.

Nelda ficara lisonjeada com a oferta de Carmela, que a tinha como amiga indiscutível. Não se envergonhava, pelo contrário, era bem consciente da qualidade das suas atuações; de fato, as produções nas quais atuara eram respeitáveis. Somente não se gabava, tendo uma certa humildade.

O ponto mais marcante do filme ocorria em cena ao ar livre, numa lagoa rodeada de vegetação arbórea densa. A personagem de Nelda nadava, ficava à beira da água, penteava delicadamente os cabelos, interagia com colóquios com os demais personagens, e o que parecia ser um sério desentendimento amoroso se transforma aos poucos num tórrido beijo de amor.

– Vejam só o que dá casar com uma atriz – esboçou Artur, sem perder todo o humor.

Ao final, Nelda agradeceu toda aquela atenção e homenagem, recebendo em troca muitas felicitações cobertas de elogios.

Mas, um dos assuntos principais, foi acerca de quem iria àquela mansão na selva. Stefan não, pois havia uma limitação de relacionamento entre ele e o casal Jack e Valentina. Miguel não, pois lá fora palco de lutas e mortes; e ele um garoto, sem a aprovação da mãe Beatriz para ir novamente àquele lugar.

– Não existe mais nenhum perigo por lá e apenas veríamos como ficou depois das obras de restauração – comentou Jack, mas sem nada adiantar no sentido de conseguir a liberação de Miguel.

Quem insistiu, querendo ir, foi Rebecca, a ponto de fazer com que Valentina surpreendesse a todos dizendo que também iria. É que a atitude de Rebecca de ficar tão próxima, abraçando tanto Jack, chegava a enciumar Valentina.

A Fatídica Senda do Mal

Numa ocasião estavam Rebecca e Valentina no quarto da primeira, escolhendo as roupas e acessórios e preparando uma mala. Surpresa, Valentina teve particularmente de admitir que Rebecca tinha mesmo, no geral, vestimentas, utensílios, acessórios e perfumes ainda mais sofisticados e requintados do que os seus.

Mas, se acaso pensasse numa jovem que demoraria bastante para se aprontar... Que nada! Muito rapidamente Rebecca separava o que levar e ajeitava a bagagem. Não foi difícil, além disso, convencer Carmela a concordar com a ida da filha: só uma viagem de descontração que demoraria no máximo dois dias: era ver a casa, que estaria para ser vendida, e retornar.

Valentina havia se sentido mais como simples receptáculo do falatório sem parar de Rebecca do que uma real pessoa auxiliar na preparação da bagagem.

Os Bressane, do clã de Hebert, tiveram, num momento, que anunciar a saída e começar a se despedir.

Enquanto caminhavam para o carro e ainda se falavam no caminho, houve espaço para uma breve conversação entre Valentina e Miguel, seu primo mais jovem, exatamente sobre a sua partida negada.

– Sinto muito por não poder ir com a gente – dizia ela. – Lembro que quando a tua mãe tem vontade contrária, parece não poder se fazer muito para insistir e tentar convencê-la a mudar de ideia. Não insistiria mesmo. Não é lugar de boas recordações. Nem queria voltar lá realmente.

– Nada daquilo tudo me assustaria mais – respondeu o menino. – O mais importante não seria rever a casa, mas estar perto de ti. Isso felizmente pode ocorrer tantas vezes, se não lá, então pelos lados de cá mesmo – completou a ponderação que confortava a ambos, enquanto o vento balançava seus cabelos extremamente lisos e chegava a cobrir parcialmente os seus olhos.

Qualquer despedida entre estes primos que se amavam profundamente era um momento de alguma tristeza ou lamentação. Ela avançou para abraçá-lo e beijá-lo em ambos os lados da face, e mais um beijo na fronte.

Ele manteve por um instante um olhar terno para ela antes de se virar e seguir para junto dos que entrariam no veículo que estava para ter sua partida.

Beatriz comentou se poderiam fazer uma reunião como aquela, providenciando os convites e proporcionando uma recepção apropriada àquela gente toda tão abastada. Herbert reconhecia que tinham um lar mais humilde, mas bem ordenado, sem empregados, compondo uma família com educação comparável a todos os outros, no que Beatriz reconheceu de pronto.